

APLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DA TOPONÍMIA EM LIBRAS A PARTIR DA OBRA IMPERATRIZ – CIDADE DA GENTE

PEDAGOGICAL APPLICATIONS FOR PLACE NAMES IN LIBRAS BASED ON THE BOOK IMPERATRIZ – CIDADE DA GENTE

Aleilde Tavares da Silva 1
Alexandre Melo de Sousa 2
Maria Célia Dias de Castro 3
Márcia Suany Dias Cavalcante 4

Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1019275008260915>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1800-749X>.
E-mail: aleildetavaresdasilva@gmail.com

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com Pós-Doutorado em Linguística Aplicada/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor de Linguística e Linguística Aplicada à Língua Brasileira de Sinais na Universidade Federal do Acre (UFAC). Professor dos Programas de Pós-Graduação: Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFAC), Educação (PPGE/UFAC) e Linguística na Universidade do Estado do Mato Grosso (PPGL/UNEMAT).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8092038576985367>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2510-1786>.
E-mail: alexandre.sousa@ufac.br

Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/Campus de Balsas. Professora do Programa de Pós-Graduação (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Professora colaboradora PPGEC MINTER/DINTER UNIJUÍ e UNIBALSAS. Coordenadora projeto ATEMA, Apoio FAPEMA.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/85143458443117957>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3346-5990>.
E-mail: celialeitecastro@hotmail.com

Doutora em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal de Tocantins (UFT). Professora de Língua Portuguesa, em níveis de Graduação e Pós-Graduação em Letras (PPGLE) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2805766144435146>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6316-0752>.
E-mail: marciasuany@uemasul.edu.br

Resumo: A prática de nomear tudo que existe é uma característica inerente ao ser humano e pode ocorrer em línguas orais e em línguas de sinais. Nos campos linguísticos, é tarefa da Toponímia o estudo dos nomes próprios de lugares, área em que se insere o presente artigo, que tem como objetivo apresentar uma proposta didática para o trabalho da toponímia em Libras com alunos surdos dos anos finais do Ensino Fundamental. Para isso, utilizamos a obra Imperatriz – Cidade da gente, de Santos et al (2020), da qual foram selecionados doze nomes de espaços turísticos da cidade de Imperatriz, no Maranhão, e, a partir das propostas de Sousa (2021), sugeridos encaminhamentos para uma aula que trate da iconicidade dos sinais selecionados, numa perspectiva interdisciplinar.

Palavras-chave: Toponímia. Libras. Iconicidade. Ensino. Educação Básica.

Abstract: The practice of naming everything that exists is an inherent characteristic of the human being and can occur in oral and sign languages. In linguistic fields, it is Toponymy's task to study proper place names. This article aims to present a didactic proposal for the work of toponymy in Libras with deaf students in the final years of elementary school. We used the work Imperatriz – Cidade da gente, by Santos et al (2020) to select twelve names of tourist spaces in the city of Imperatriz, in Maranhão, and, based on Sousa's proposals (2021), to suggest directions for a class that deals with the iconicity of the selected signs, in an interdisciplinary perspective.

Keywords: Toponymy. Pounds. Iconicity. Teaching. Basic Education.

Introdução

Entre os muitos campos linguísticos há um que se dedica ao estudo do nome próprio: a Onomástica (DICK, 1990; SOUSA; DARGEL, 2017, 2020). Este, por sua vez, organiza-se em subáreas, entre as quais as principais são: a Antroponímia, que se dedica ao estudo dos nomes próprios de pessoas; e a Toponímia, que se dedica ao estudo dos nomes próprios de lugares (DICK, 1990; SOUSA; DARGEL, 2017, 2020). Neste trabalho, interessa-nos de perto o estudo dos nomes de lugares em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A importância de investigações nessa área é evidente em virtude de sua característica interdisciplinar que favorece o diálogo e a aquisição de múltiplos conhecimentos, inclusive questões inter-língua-culturais evidenciadas nos nomes de lugares. Dick (1990) já havia destacado a característica interdisciplinar dos nomes de lugares (ou signos toponímicos) e isso foi reafirmado em trabalhos de Sousa (2007), Andrade e Dick (2012), Castro (2017a; 2017b), Figueirêdo e Castro (2019) e Santos (2019), que se dedicaram aos estudos toponímicos aplicados ao ensino.

Nosso interesse se situa na toponímia em Libras, mais especificamente, sobre a nomeação de alguns espaços de turismo localizados na cidade de Imperatriz, no Maranhão. De modo especial, queremos contribuir com o ensino de surdos ao sugerir um trabalho com os topônimos a partir do material didático *Imperatriz – Cidade da gente – História e Geografia – estudos regionais* (SANTOS *et al.*, 2020), numa perspectiva interdisciplinar, entrelaçando conhecimentos linguísticos, históricos, geográficos e culturais, como proposto por Sousa (2007).

Neste estudo, o conceito de cultura é compreendido como uma herança de saberes, conhecimentos, modos de compreender o mundo, de fazer inferência a fim de torná-lo acessível e habitável, práticas individuais e sociais compartilhadas por meio da aprendizagem e da convivência manifestada na língua de um povo. Conforme Dick (1990, p. 32), “a Toponímia reflete de perto essa vivência do homem marcada em um contínuo tempo-espacial, vista como testemunha histórica de uma comunidade considerada um imenso complexo línguo-cultural”.

Nesse contexto, vale destacar que os topônimos são signos presentes tanto em línguas de modalidade oral-auditiva, como o português, o francês, o espanhol, o inglês, as diferentes línguas indígenas etc.; quanto em línguas de modalidade visual-espacial, como a Língua Brasileira de Sinais – (Libras), a Língua de Sinais Americana – (ASL), a Língua de Sinais Irlandesa – (ISL) entre outras (SOUSA, 2019).

Para a análise linguística dos topônimos em Libras, tomaremos como base os estudos de Souza Júnior (2012), Sousa (2018, 2019b, 2021) e Sousa e Quadros (2019a, 2019b, 2019c, 2019d). Esses trabalhos discutem o topônimo a partir de sua estrutura fonomorfológica, de seus aspectos semântico-motivacionais e de suas marcas icônicas, como detalharemos no decorrer deste estudo.

Trataremos de doze sinais toponímicos que nomeiam os principais espaços de turismo de Imperatriz. Os nomes em língua portuguesa foram extraídos do material didático referido anteriormente e os sinais foram informados em entrevistas com moradores surdos da cidade. Nosso objetivo é de que os resultados alcançados possam contribuir com os estudos toponímicos em Libras, sobretudo, com a educação de surdos. Esperamos, ainda, que este trabalho seja ponto de partida para outros e que se constitua um registro histórico-cultural para a comunidade surda e a sociedade em geral.

Um Breve Passeio por Imperatriz: história e geografia

A cidade de Imperatriz está situada na região Nordeste do Brasil, localizada na porção sudoeste do Estado do Maranhão, à margem direita do rio Tocantins, conforme Figura 1 a seguir. De acordo com a atual divisão regional do IBGE, instituída em 2017, Imperatriz é uma das cidades maranhenses que concentra maior diversidade de atividades econômicas e apresenta modernidade em infraestrutura de transporte e comunicações (SANTOS *et al.*, 2020).

De acordo com Santos *et al.* (2020), Imperatriz “é considerada um polo de desenvolvimento que centraliza as principais atividades econômicas implementadas na região, atraindo grandes fluxos de pessoas, capitais e investimentos” (SANTOS *et al.*, 2020, p. 41).

Uma das grandes riquezas naturais de Imperatriz são os rios, em destaque, o rio Tocantins, um dos mais extensos do país. Ainda base nesses registros (2020), o crescimento populacional de 1950 a 2010 foi bastante acelerado. Nos anos quarenta, em Imperatriz havia 7.879 habitantes; nos últimos registros de 2010, chega ao número de 247.553 habitantes. Tudo isso devido a aberturas de estradas, à dinâmica econômica sucessiva e aos projetos governamentais. Em destaque, a construção da Belém-Brasília, estrada com quase dois mil quilômetros, que liga o Brasil de norte a sul, e lá no seu meio está Imperatriz.

Figura 1. Localização de Imperatriz (MA)



Fonte: Santos *et al* (2020, p. 17).

Quando se fala de uma cidade, fala-se de um povo que tem raízes, história, cultura, portanto, em conformidade com Santos *et al.* (2020), a cultura de Imperatriz é fundamentada em diversas tradições, valores e na história do seu povo, testemunhos que foram construídos e transformados em memória coletiva. Ao se falar de memória, destacam-se alguns lugares que fazem parte do lazer e turismo dessa cidade, os quais ajudam a compreender a sua história.

Na Constituição Federal Brasileira de 1988, no seu artigo 6º, o lazer está inserido como um direito social, sendo uma obrigatoriedade de o Poder Público garantir espaços públicos livres para as pessoas deles usufruírem, por ser uma atividade considerada importante, que ajuda a promover o bem-estar físico e psíquico das pessoas. Diante disso, Imperatriz dispõe de alguns lugares públicos destinados a essas atividades, como as praças, beira-rio, praias, complexo esportivo, estádio de futebol, teatro, centro de convenções e ainda alguns espaços privados, tais como *shoppings*, clubes e parques.

No que se refere à comunidade surda, Imperatriz possui uma escola bilingue – Escola Municipal Bilingue para Surdos Professor Telasco Pereira Fialho – que foi inaugurada em 2012 e atende alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, em tempo integral. Esse é um dos principais espaços de encontros da comunidade surda.

Toponímia e interdisciplinaridade

A prática de nomear tudo que existe constitui uma atividade inerente ao ser humano, desde o surgimento da vida na terra, motivada pela necessidade de diferenciação, de registro para deixar a sua marca ou para identificação. Conforme Abadde e Correia (2020, p. 109), “o ato de dar nomes insere-se no campo de estudo da Onomástica, [...]. Constituídos de elementos linguísticos capazes de preservar fatos culturais de uma área geográfica [...]”. Atribuir nomes é também, portanto,

Uma tentativa de exercer controle sobre o nosso meio, suscitando os aspectos mais naturais que nos cercam e as experiências mentais e socioculturais no ato de identificação e significação das coisas e espaços com que lidamos e em que nos situamos; de estender a outros a perspectiva sob a qual enxergamos o nosso ambiente; é a instituição de representações simbólicas inspiradas por aqueles que designam (FIGUEIRÊDO; CASTRO, 2019, p. 173).

Essas representações simbólicas implicam investigações fonomorfológicas em interação com outros campos de estudo externos à linguística, via estabelecimento de inter-relações entre diversas áreas do conhecimento que envolvem os nomes de lugares como eixo central e sua atribuição aos objetos e seres do mundo.

A denominação é uma atividade considerada por Biderman (1998) como resultado de um processo de categorização, uma necessidade humana provinda de estímulos, utilizada para classificação de elementos como pessoas, lugares, animais, objetos que fazem parte do espaço do denominador. Biderman (1998, p. 88) propõe também que a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo fazem parte do processo de categorização.

Então, pode-se dizer que uma escolha denominativa não é eventual, advém de motivações percebidas pelo sujeito que distingue as características físicas do espaço e expressa marcas culturais, históricas, de identidade e da língua dessa comunidade. Dessa forma, um signo não possui apenas a função de atribuir nome às coisas, ele possui um papel preponderante na aquisição do conhecimento sociocultural de uma comunidade. Como afirma Dick (1990, p. 22), “a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal”.

Considerando o seu caráter interdisciplinar, Amaral e Seide (2020) afirmam que se pode inferir que há um elo entre a Toponímia e as diferentes áreas que podem subsidiar a compreensão da origem e motivação para a escolha do nome. Sousa e Dargel (2017, 2020) também ressaltam o caráter interdisciplinar inerente ao ato de nomear lugares. Assim, podemos entender que um signo linguístico que assume um caráter denominativo possui, imbricado em si, referências e motivações que caracterizam um espaço – marcas históricas, geográficas, antropológicas, etc. – e o que ele representa para uma comunidade ou local constitui marcas identitárias, culturais e contribui para a preservação da memória de um povo.

Segundo Dick (1990, p. 22), “a Toponímia reflete de perto a vivência do homem enquanto entidade individual e em grupo, de modo a situar o homem em um contexto espaço-temporal”. Nesse sentido, o resultado de um estudo toponímico pode se tornar um documento histórico-cultural de uma comunidade, como apontaram pesquisas de Isquerdo (1996), Andrade (2010), Sousa (2007, 2019a), Castro (2017a; 2017b) e Figueirêdo e Castro (2019).

Cada comunidade, ou seja, cada agrupamento humano utiliza a língua de maneira singular e dinâmica para significar as construções observadas e as projeções de mundo utilizando-se da palavra para nomeá-las.

Por sua vez, como afirma Quadros (2019, p. 25), “A Língua Brasileira de Sinais – Libras é a língua usada no Brasil pelas comunidades surdas espalhadas por todo o território nacional” (QUADROS, 2019, p. 25). Vale ressaltar que a Libras foi oficializada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Essa língua tem uma modalidade diferente das línguas orais, pois utiliza o corpo, as mãos, os espaços e a visão para ser produzida e percebida, sendo considerada uma língua visuoespacial.

Tal como qualquer língua, a Libras possui todos os níveis linguísticos: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, texto/discurso e léxico. Alguns trabalhos, como mencionamos anteriormente, têm dado atenção aos processos de nomeação de espaços geográficos em Libras. O pioneiro foi Souza Júnior (2012) e logo após outras pesquisas ampliaram essa perspectiva de análise.

Toponímia em Libras

As pesquisas voltadas à Língua Brasileira de Sinais, de acordo com Leite e Quadros (2014), quando comparadas ao desenvolvimento das pesquisas das línguas orais, são recentes, pois somente a partir da década de 60 foram introduzidas as discussões acerca do seu estatuto linguístico enquanto língua natural. Essa década representa um marco na história dos estudos linguísticos das línguas de sinais em virtude dos estudos de Willian Stokoe, o qual demonstrou que essa língua poderia ser descrita e analisada usufruindo das mesmas metodologias e procedimentos teóricos aplicados às línguas orais.

No Brasil, as pesquisas da Língua Brasileira de Sinais iniciaram-se na década de 80, com os estudos de Ferreira Brito (1984). A partir de então, outras pesquisas têm se destacado e contribuído para a descrição dos fenômenos linguísticos em Libras, nas perspectivas formal, funcional, discursivo/textual, entre outras. Leite e Quadros (2014) destacam que as pesquisas da Libras são importantes para a ciência linguística, pois contribuem para o aprofundamento da teoria linguística e para o aprimoramento de suas aplicações sociais na vida da comunidade surda.

Quando se trata dos estudos toponímicos em Libras, Sousa e Quadros (2019a) assinalam que semelhante ao processo como ocorre a nomeação nas línguas oral-auditivas, também acontece a nomeação espacial na língua de sinais. Assim, a partir de 2012, segundo Sousa e Barreiros (2020), os estudos da Toponímia em Libras têm ganhado destaque.

Desse modo, ao tratar de nomeação em Libras, Albres (2014, p. 128) declara que no processo de nomeação “o indivíduo se apropria do real simbolicamente e para cada conceito novo desenvolve outros signos para representá-lo [...]”. Sobre isso, Sousa e Barreiros (2020) ressaltam que o processo de nomeação em Libras vai além da própria relação entre signo e significado, pois além de envolver o processo morfológico do sinal toponímico, envolve a relação línguo-cultural.

Ao se fazer acepção da cultura enquanto conhecimento, “significam também que devem compartilhar modelos de pensamentos, modo de compreender o mundo, de fazer inferências e predições” (COSTA; SEABRA, 2015, p. 34). No caso dos sujeitos surdos, todas as percepções de mundo são construídas a partir de experiências visuais que partem de um mundo surdo e, a partir desse lugar, se expressa a cultura surda (QUADROS, 2019). Segundo Strobel (2018, p. 29), a cultura surda “é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais [...]”.

Concordamos com Sousa (2019) quando afirma que “Quando o surdo atribui um sinal a um lugar, por exemplo, homem e espaço se fundem: o espaço constitui o homem, o homem constitui o espaço” (SOUSA, 2019b, p. 141).

Quadros *et al.* (2009) esclarecem que, “quando analisamos a origem e a motivação de alguns sinais que compõem a libras, retomamos a questão da gestualidade relacionada com a ‘iconicidade’, ou seja, a transparência do signo e do significado e seus limites”. Nesse caso, o sinal apresenta uma relação direta entre a forma e o significado. Outros aspectos logo observados quando se analisa um sinal são as formas com que se apresentam as mãos e os movimentos a ela associados. Essas mesmas considerações sobre a iconicidade em línguas de sinais foram destacadas por Sousa (2019b; 2021) em estudo sobre os sinais toponímicos que nomeiam cidades acreanas.

Toponímia em Libras e ensino

Os estudos sobre toponímia e ensino foram iniciados, no Brasil, por Sousa (2007), que discutiu fundamentalmente a questão da interdisciplinaridade e, a partir das orientações oficiais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, sugeriu atividades para serem aplicadas para alunos do ensino Fundamental (anos finais). O estudo proposto, contudo, era direcionado para alunos ouvintes e dava conta da Toponímia em línguas orais.

Mais recentemente, Sousa e Quadros (2019c) discutiram questões referentes à relação entre toponímia em Libras e ensino com base na perspectiva bilingue e com o uso de recursos tecnológicos. Para os autores:

O que se percebe é que a utilização dos recursos tecnológicos em Libras e, mais especificamente, dos *softwares*, proporcionam um rápido acesso aos conteúdos contribuindo assim para a ampliação e construção do conhecimento, pois as informações chegam até ele por meio de sua própria língua, e por isso, agregam aos recursos imagéticos grande potencial educativo. Se os recursos são utilizados para fins pedagógicos, estamos diante da inovação (SOUSA; QUADROS, 2019b, p. 139).

O trabalho dos autores culmina com a proposta de um produto virtual “contemplando a natureza interdisciplinar inerente à toponímia, contendo informações linguísticas, históricas, geográficas e culturais dos espaços nomeados” (SOUSA; QUADROS, 2019b, p. 144), que agrupa informações toponímicas para consultas de surdos e que pode ser usado como um recurso pedagógico no ensino de Libras.

Em Sousa e Quadros (2019d), há, de fato, a descrição do produto referido pelos autores no trabalho anterior: o *Web Software Toponímia em Libras*, disponível no endereço: www.toponimialibras.com.

No referido trabalho, Sousa e Quadros (2019d) descrevem o passo-a-passo para a construção do *websoftware* pedagógico, iniciando com o processo de armazenamento de dados em fichas lexicográfico-toponímicas digitais, as diretrizes para a gravação dos vídeos, o processo de escrita dos sinais toponímicos, em *SignWriting*, e, por fim, a descrição do design e da funcionalidade do recurso pedagógico digital. Importa ressaltar que o trabalho de construção do *WebSoftware Toponímia em Libras* foi fruto do estágio de pós-doutoramento do primeiro autor, com financiamento pelo CNPq. Trata-se, como bem pontuam os autores, de um “produto pedagógico para o ensino e a disseminação da toponímia em Libras” (SOUSA; QUADROS, 2019d, p. 31).

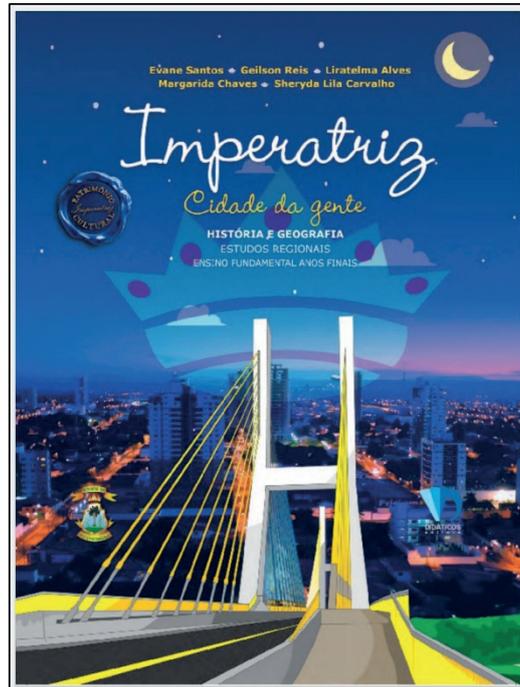
Percebe-se que esse foi um grande passo para o estudo da Libras no contexto brasileiro, com uma sistematização tecnológica por meio do uso dos softwares e com o rápido acesso às informações via Libras, recursos pedagógicos inovadores que tornaram possível um ensino sob uma perspectiva da transdisciplinaridade.

A partir dos estudos sobre a nomeação dos lugares em Libras surgiu a ideia de propor um trabalho para o ensino da toponímia a partir da obra supracitada de Santos *et al* (2020), que será descrita na próxima seção.

Metodologia

Considera-se Imperatriz-MA uma cidade plural e calorosa, formada por culturas que se entrelaçam e que constituem a sua gente (SANTOS *et al*, 2020). Cidade de muitos lugares, que revela e ajuda a contar e a compreender a sua história. Com esse preâmbulo, a proposta para o ensino de toponímia em Libras parte das nomeações dos espaços turísticos da cidade constantes na obra *Imperatriz – Cidade da gente – História e Geografia – estudos regionais*, de Santos *et al* (2020), ilustrada a seguir:

Figura 2. Capa da obra Imperatriz – Cidade da gente



Fonte: Santos et al (2020).

Assim, o *corpus* linguístico deste estudo está formado por doze sinais em Libras, referentes aos espaços de lazer e turismo dessa cidade, coletados no referido material didático livro didático.

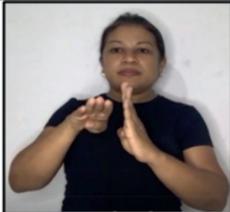
A obra *Imperatriz – cidade da gente* conta com seis unidades as quais, segundo as autoras, constituem “uma oportunidade de conhecer sujeitos, fatos históricos e geográficos e a dinâmica contemporânea da vida de Imperatriz” (SANTOS *et al*, 2020, p. 6). As seis unidades da obra destinada à Educação Básica são assim nomeadas: 1) *Imperatriz – MA: Lugar de viver*; 2) *Imperatriz – MA: História e memória*; 3) *Imperatriz – MA: Lugar de memória*; 4) *Imperatriz – MA: Educação socioambiental*; 5) *Imperatriz – MA: Lazer e turismo*; 6) e *Imperatriz – MA: Poder e cidadania*. Para o presente estudo, interessou-nos a unidade *Imperatriz – MA: Lazer e turismo*.

O material foi produzido em língua portuguesa escrita, que é a segunda língua dos surdos. Pensamos, então, em propor uma complementação e um estudo dos sinais que nomeiam doze espaços de turismo de Imperatriz. Desse modo, poderíamos associar a área Linguística às áreas de Geografia, de História e da Cultura (Antropologia), numa perspectiva interdisciplinar.

Para isso, o primeiro passo, após selecionar os topônimos no material, foi entrevistar surdos para as informações sobre os sinais referentes aos espaços geográficos. Vale ressaltar que, devido ao período pandêmico, todas as informações para a construção do *corpus* foram repassadas remotamente por cinco informantes surdos colaboradores da pesquisa. Utilizamos, para isso, encontros via aplicativo *WhatsApp* e pela plataforma *Meet*. Foi estabelecido um primeiro contato individual com cada informante para apresentação da proposta de estudo. Na sequência, um encontro conjunto para socialização, colhimento e validação dos dados. Para cada participante, foi disponibilizado o e-book *Imperatriz – Cidade da gente* em formato PDF.

Coletados os dados, passamos a armazená-los em fichas lexicográfico-toponímicas, adaptadas a partir da proposta de Sousa e Quadros (2019b). Cada ficha contém as seguintes informações: (a) Ficha (número); (b) Localização; (c) Tipo de acidente geográfico; (d) Topônimo em Língua Portuguesa; (e) Topônimo em Libras (imagem do sinal); (f) Estrutura Fonológica (quanto aos parâmetros de formação); (g) Estrutura Morfológica (do sinal toponímico); (h) Iconicidade; (i) Contexto Motivacional de criação do sinal; (j) Fonte (referências consultadas); (l) pesquisadora; (m) data; (n) supervisores.

Figura 3. Ficha lexicográfico-toponímica

FICHA	01	LOCALIZAÇÃO	Imperatriz/MA	TIPO DE ACIDENTE	Físico
TOPÔNIMO EM LP		Beira-Rio	TOPÔNIMO EM LIBRAS		Imagem do Sinal
					
ESTRUTURA FONOLÓGICA		(CM) em B – (MO) sinuoso - unidirecional (LO) frente ao corpo			
ESTRUTURA MORFOLÓGICA		Topônimo simples híbrido, formado por um único sinal, no entanto influenciado por empréstimo de letra da LP.			
CONTEXTO MOTIVACIONAL		A motivação é o rio Tocantins, imbricado ao movimento da água, em cuja margem o acidente se situa.			
ICONICIDADE		O sinal faz relação direta ao rio. Ambas as mãos são configuradas em B, e o sinal é motivado pela grafia do nome original do lugar em LP.			
FONTE	Grupo de surdos		PESQUISADORA	Aleilde Tavares da Silva	
DATA	20/08/2021		SUPERVISORES	Alexandre Melo de Sousa Maria Célia Dias de Castro Márcia Suyane Dias Cavalcante	

Fonte: Autores da pesquisa (2021).

A ficha contém ainda uma imagem do local extraída da obra *Imperatriz – Cidade da gente*. O objetivo das fichas lexicográfico-toponímicas é organizar os parâmetros que servem de escopo para a análise dos dados.

Sugestões para o ensino da Toponímia em Libras

Inicialmente, é válido destacar que, como apontam Sousa e Quadros (2019c), apoiados em Quadros (1997, p. 40), quando o ensino para surdos considera suas necessidades linguísticas, culturais e sociais, há os seguintes avanços:

- a) o reconhecimento da pessoa surda enquanto cidadã integrante de uma sociedade surda com o direito de ter assegurada a aquisição da língua de sinais como primeira língua; b) o uso da língua de sinais na escola para garantir o desenvolvimento cognitivo e o ensino de conhecimentos gerais; c) o ensino da língua oral-auditiva com estratégias de ensino de segunda língua; d) a inclusão de pessoas surdas nos quadros funcionais das escolas (SOUSA; QUADROS, 2019c, p. 139).

Como base nessas depreensões, pensamos em propor um trabalho com o ensino da Toponímia em Libras, considerando o fenômeno linguístico da iconicidade e as relações entre conhecimentos geográficos e históricos. Há muitos aspectos linguísticos relacionados aos topônimos em Libras que poderiam ser elencados e analisados, mas apenas um foi selecionado para demonstrar as possibilidades que essa área pode oferecer às práticas pedagógicas dos professores no ensino de Libras com alunos surdos.

Como destaca Sousa (2021), as aulas devem ser conduzidas em Libras destacando a visualidade e utilizando gêneros textuais autênticos e associando os estudos toponímicos a outras áreas de conhecimento (e com professores ligados a elas): História, Geografia, Antropologia, entre outras.

A proposta é envolver alunos surdos dos anos finais do Ensino Fundamental nos processos de construção dos sinais icônicos, por meio da relação da forma do sinal com seu referente, como ensinam Taub (2001), Quadros (2019) e Sousa (2019b).

Inicialmente, é importante que o professor estimule os alunos a se envolverem na pro-

posta didática. Assim, ele deverá perguntar, utilizando a língua de sinais, se os alunos conhecem os espaços de turismo constantes na obra *Imperatriz – Cidade da gente*, se identificam a localização desses espaços urbanos na cidade, entre outras informações geoespaciais. Os sinais selecionados são:

- a) Beira-Rio
- b) Centro de Convenções
- c) Complexo Esportivo Barjonas Lobão
- d) Estádio Frei Epitáfio D’Abadia
- e) Freitas Park
- f) Imperial Shopping
- g) Parque de Exposição
- h) Praça Mané Garrincha
- i) Praça da Cultura
- j) Praça de Fátima
- l) Praça da Bíblia
- m) Praia do Cacau

É relevante que os alunos sejam incentivados a contar o que conhecem da história desses locais escolhidos; se há alguma relação desses espaços com a história de vida deles; se ultimamente eles têm visitado esses locais e como lhes parecem as inter-relações das pessoas nesses lugares (suscitar para a discussão as relações proxêmicas e o contexto de pandemia); se conhecem as políticas públicas que asseguram o direito ao esporte e ao lazer dos cidadãos, por exemplo. A leitura do material *Imperatriz – Cidade da gente* pode ajudar com bastantes informações. Contudo, sugerimos que ele seja traduzido para Libras e gravado conjuntamente com os alunos em vídeo para exibição e discussão durante a aula. Interessante seria conduzir a aula de forma interdisciplinar com um professor de história bilingue, desse modo seriam estabelecidas relações mais consistentes com a História.

Discussões relacionadas à preservação dos espaços públicos serão bem vindas, também, nesta etapa do estudo.

Em seguida, o professor mediador poderá pedir aos alunos que apresentem os sinais em Libras de cada um dos locais turísticos de Imperatriz selecionados. Nesse momento, os alunos poderão interagir uns com os outros no intuito de esclarecerem possíveis dúvidas quanto a algumas sinalizações.

Dando continuidade, o professor poderá perguntar se alguns dos alunos conhecem os surdos que criaram os sinais. Sousa (2021) sugere que alguns surdos de referência (ou surdos mais velhos) sejam convidados para participar deste momento com a turma.

Após essas etapas, é hora que iniciar o trabalho explorando as relações icônicas dos sinais. O primeiro passo é expor imagens dos locais – desenhos, fotos, pinturas, maquetes, que podem ter sido produzidas por eles – e realizar as sinalizações de modo que os alunos percebam relação entre a sinalização (no espaço tridimensional de produção do topônimo em Libras) e a imagem que serviu de referência para a criação do sinal toponímico. É fundamental que o professor conduza as discussões e, progressivamente, ajude a estabelecer as associações presentes nas configurações de mão, nos movimentos e nos demais parâmetros de construção dos sinais com as características das imagens de referência.

Outro aspecto a ser explorado diz respeito às influências da língua portuguesa na formação dos topônimos em Libras, por meio das configurações de mão referentes às letras dos nomes dos espaços turísticos em língua oral. Esse momento leva os alunos à percepção da iconicidade como característica linguística própria das línguas sinalizadas.

A proposta oportuniza, ainda, o diálogo entre diferentes campos do saber, o que direciona, como destacou Sousa (2021), a ampliação da competência comunicativa, ao conhecimento da construção do léxico da Libras (especialmente, o léxico toponímico), à valorização da cultura e da identidade surda e, principalmente, à percepção do surdo como participante ativo e autônomo do movimento social e da construção do seu papel como cidadão.

É válido, também, realizar uma comparação (contraste) fonomorfológica e semântica entre os nomes recebidos pelos espaços em Libras e em português. Assim, será possível perceber que a cultura dos nomeadores interfere no ato de batizar um espaço geográfico.

A avaliação pode ser realizada com a observação do envolvimento dos alunos nas atividades propostas, com as produções apresentadas e pelo desenvolvimento de pesquisas toponímicas de outros espaços geográficos da cidade.

Considerações Finais

Os estudos dos topônimos em Libras, assim como os estudos dos topônimos em línguas orais, além de revelarem aspectos sócio-históricos e políticos importantes da origem e atualidade do município estudado, evidenciam aspectos linguísticos e culturais que envolvem o processo de nomeação de um espaço físico. Nesse campo, o estudo do léxico reflete nitidamente o ambiente físico e cultural das comunidades dos surdos.

O presente estudo apresenta-se como uma das possibilidades de aplicação teórico-prática dos estudos da Toponímia em Libras, na sala de aula, de modo interdisciplinar, valorizando a cultura surda, ao utilizar a obra *Imperatriz – cidade da gente*. Nesta investigação, consideramos a iconicidade como parâmetro semântico de análise do trabalho. Escolhemos doze sinais de espaços turísticos de Imperatriz – cidade do Maranhão seguindo as sugestões de Sousa (2021) para a condução das orientações de aplicação.

A interdisciplinaridade foi a perspectiva didático metodológica de aplicação disciplinar do trabalho proposto neste estudo. Neste cenário, partimos de outras investigações relacionadas à aplicação da Toponímia ao ensino para destacar o modo de condução de uma proposta didática que inter-relaciona conhecimentos (e atores) linguísticos, históricos, geográficos e culturais.

Por fim, conferimos que no campo da pesquisa toponímica em Libras, especialmente sobre sua aplicação no ensino básico, ainda há muito o que se pesquisar. Essa área da Lexicologia de nomeação de lugares por meio do seu caráter interdisciplinar tem muito a contribuir com a aprendizagem bilíngue de surdos, numa perspectiva línguocultural.

Referências

ABBADE, Celina Márcia de Souza; CORREIA, Clese Mary Prudente. Os signos Toponímicos e suas marcas na história da Bahia. **Caletroscópio** - ISSN 2318-4574 - Volume 4 / n. Especial / 2016 / II DIVERMINAS. Disponível em: file:///C:/Users/andrea.lid/Downloads/3685-Texto%20do%20artigo-7441-1-10-20160928.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

ALBRES, Neiva de Aquino. Estudo Léxico da Libras: Uma História a Ser Registrada. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. SANTOS, Lara Ferreira dos. **Tenho um aluno surdo, e agora?** – São Carlos: EduFSCar, 2014.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. SEIDE, Márcia Sipavicius. Nomes próprios de pessoas: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher, 2020. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. ABBADE, Celina Márcia de Souza. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

ANDRADE, K. S; DICK, M. V. P. A. A interdisciplinaridade no contexto da toponímia: reflexões iniciais de uma proposta aplicada ao ensino. In: SEABRA, M. C. T. C; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2012, p. 193-207.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins**. Atito. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dimensões da palavra**. Filologia e Linguística Portuguesa, N. 2, p. 81 – 118, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências.

CASTRO, Maria Célia Dias de. Atlas toponímico do estado do Maranhão: uma proposta de análise da macrotoponímia. **Caderno Seminal Digital**. Rio de Janeiro, Dialogarts, v. 28, p. 110-147, 2017a.

CASTRO, Maria Célia Dias de. **Designação e poder na toponímia maranhense: uma reflexão a partir do papel do professor em formação** In: Gestão educacional e formação de professores: olhares, contextos e vivências.1 ed. São Luís: Eduema, 2017b, v.1, p. 177-192.

COSTA, Raquel Pires. SEABRA, Cândida Trindade Costa de. **As palavras sob um viés cultural: o léxico dos pescadores de Raposa, MA**. São Luís: EdUema, 2015.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos**. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. **A dinâmica dos nomes na Toponímia da cidade de São Paulo**. Revista USP, São Paulo, n. 63, p. 36-63, setembro/novembro 2004.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. – [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. Ed. Científico Tommaso Raso. 1.ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

FIGUEIRÊDO, Suzan Cleyde Martins. CASTRO, Maria Célia Dias de. Onomástica para Jovens: uma abordagem sobre os nomes para aulas de língua materna e estrangeira. In: SIMÕES, Darcília; TEIXEIRA, Madalena (Prgs.). **Propostas didático-pedagógicas para as aulas de Português**. Tomo I. Brasil. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019.

ISQUERDO, Aparecida Negri. ABBADE, Celina Márcia de Souza. **As ciências do léxico**. Volume IX: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

ISQUERDO, Aparecida. Negri. **O Fato Linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 1996. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara, 1996.

LEITE, Tarcísio de Arantes Leite. QUADROS, Ronice Müller de. Línguas de Sinais do Brasil: reflexões sobre seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, Mariana Rossi, QUADROS, Ronice Müller de. LEITE, Tarcísio de Arantes. (orgs.). **Série Estudos de Língua de Sinais V. II**. Florianópolis: Insular. 2014.

QUADROS, *et al.* **Língua Brasileira de Sinais I**. Coleção letras libras – UFSC. Florianópolis. 2009.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: ArtMed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de. KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ArtMed. 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. Ed. Científico Tommaso Raso. 1.ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

SANTOS, Evane. et al. **Imperatriz cidade da gente: história e geografia: estudos regionais: ensino fundamental II: anos finais**. – Fortaleza, CE: Didáticos Editora, 2020.

SOUSA, A. M. de; QUADROS, R. M. Toponímia em Libras: aspectos formais e motivacionais dos sinais toponímicos dos municípios acreanos. In: CAVALHEIRO, J.; LUDWIG, C. R.; LANES, E. J. (org.). **Linguagem, ensino e formação docente**. Manaus: Editora UEA, 2019a.

SOUSA, A. M. de; QUADROS, R. M. de. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. **Revista Guavira Letras**. V. 15, n. 30., p. 126-140, 2019b. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/854/618>. Acesso em: 22 ago. 2021.

SOUSA, A. M. de; QUADROS, R. M. Toponímia em Libras: tecnologia e ensino. **Anais do Simpósio Ibero-Americano de Tecnologias Educacionais**. Universidade Federal de Santa Catarina, RexLab, Araranguá, SC, 2019c, p. 137-146. Disponível em: <https://publicacoes.rexlab.ufsc.br/index.php/sited/article/view/131/17>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SOUSA, A. M. de; QUADROS, R. M. O Web Software Toponímia em Libras: pesquisa e ensino. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. **Perspectivas para o ensino de línguas 3**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019d.

SOUSA, A. M. Toponímia e ensino: propostas para a aplicação no nível básico. **Anais da II Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2007. Disponível em: http://www.filologia.org.br/iijnflp/textos/Topon%C3%ADmia_e_ensino_propostas_ALEXA_NDRE.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

SOUSA, A. M. Metodologia para a pesquisa toponímica em língua Brasileira de Sinais. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. **Perspectivas para o ensino de línguas 2**. Rio Branco: Nepan, 2018, p. 9-37.

SOUSA, A. M. **Língua, cultura e sociedade: a toponímia acreana**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019a.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado – Linguística Aplicada/Libras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019b.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural. (2021).

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. Caminhos da toponímia no Brasil e as contribuições de maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista GTLex**. Uberlândia, vol. 6, n.1, jul.–dez. 2020, p. 1- 19. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/60925/31571>Acesso em: 20 ago. 2021.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**. Uberlândia, vol. 3, n.1, jul.–dez. 2017, p. 7- 22. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813/28666> Acesso em: 20 abr. 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de. BARREIROS, Liliane Lemos Santana. Panorama histórico dos estudos toponímicos em libras no Brasil. **Revista Sinalizar**. <https://doi.org/10.5216/rs.v5.64069>.

SOUZA JÚNIOR, José Ednilson Gomes de. **Nomeação de lugares na língua de sinais brasileira: uma perspectiva de Toponímia por sinais**. 2012. [346] f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. Ed. 1. reimp. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

TAUB, Sarah F. **Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Recebido em 15 de setembro de 2021.

Aceito em 08 de novembro de 2021.